

## Boletim sanitario da perna

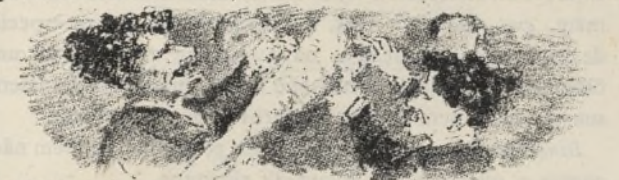
E AGRADECIMENTOS DO DONO



Os illustres medicos que me apparelharam para um mez.



— deliciosa cousa por me distanciar do animal que se apparelha todos os dias, não foram medicos foram — escul-



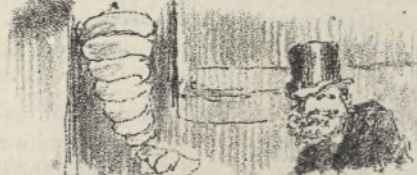
ptores eximios — com mãos de velludo.



Que primor — Quiz offerecel-a logo á primeira bailarina.



— Isto não é estar de perninha é estar de pernão.



— Como elles a ligaram como um paio de fumo — podendo figurar pendendo á porta do Martins do Chiado.



— Morde-te de inveja ó Valle!



— Via-se na physionomia dos doutores a satisfação de terem produzido uma obra mais primorosa que o frontão.

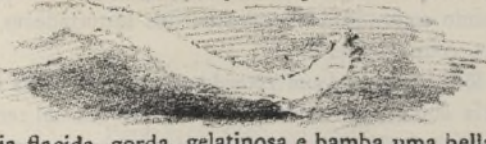


Parece uma perna de pau das que teem as lojas de moda calçando meias de seda.

Olhae, olhae, examinae.



— Que delicia! — Eu faltaria ao mais sagrado dos deveres se não fizesse aqui bem publico o meu reconhecimento aos illustres esculptores por terem feito de uma



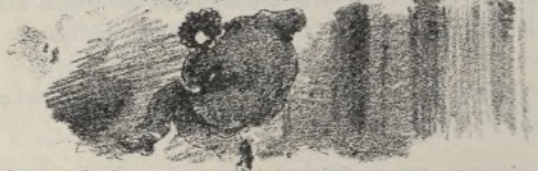
gambia flacida, gorda, gelatinosa e bamba uma bella perna



teza, secca, rija, e vigorosa bimba como se fôra de granito, a minha gratidão e a d'ella serão eternas. — Seria a



inveja dos archeiros — das bailarinas, e se um dia ainda puder dizer: Ah! perna para que te quero! Não será de-



certo para fugir d'elles, mas para dar uma volta e partir a outra só para ficar com ambas iguaes, e ter de — novo um pé para apertar tanta mão amiga e receber tantas testemunhas de amizade difficeis de agradecer.

— Com a perna assim, em vez de rabiscar abro baraca — e direi como as mulheres phenomenos:

— Messieurs: — 25 annos, pelle fresca, natural de Lisboa, as mais lindas formas e



voyez messieurs c'est du marbre!

Desenho feito com uma perna ás costas.





Gabriel Claudio, do *Diario Illustrado*, acobertando-se mais uma vez com o pseudonymo de *Guimar Torrezão*, consagra n'aquella folha um artigo á publicação das *Rainhas de Portugal*, obra historica do professor Benevides.

O livro appareceu ha quatro annos, mas só agora é que o auctor fez presente d'elle a Gabriel, e Gabriel nem lê nem acha bons senão os livros que lhe dão. — Pungente e profundo estímulo á liberalidade dos historiadores futuros para com Gabriel!

Não fôra Benevides um retardatario sovina, e ha muito que teria abiscoitado uma das veniãs que Gabriel tem por uso fazer, a razão de venia por cada brochura com que o gratifiquem.

Já se sabe que, em não lhe mettendo a competente dadi-va previa por baixo do nariz, Gabriel cessa de ter a bisbelhotice do critico, e cae na mudez do savel cozido com batatas.

É bom porém conhecer, para lição de incautos, de que especie é a droga que Gabriel propina aos auctores que lhe fazem presente de livros.

Principia Gabriel por dizer, em agradecimento á *amavel lembrança* de Benevides, que toda a gente em Portugal é indifferente aos livros historicos.

Effectivamente, basta uma pessoa considerar que Oliveira Martins está já na terceira edição da *Historia de Portugal*, que appareceu pela primeira vez ha pouco mais de dois annos, para nos deitarmos todos de barriga por terra perante a admiravel penetração critica de Gabriel.

Abrindo a armadilha a novas offerendas, Gabriel prosegue em elogio do dadivoso Benevides:

*Qualquer que se proponha entre nós, (allusão do critico ao seu systema de não dar pontos sem elles) a tarefa ardua de reconstruir a vida retrospectiva, explanando itinerarios obsoletos, reedificando ruinas anonymas, chamando á barra dos tribunaes depoimentos posthumos, vê logo surgir uma barreira dura... Em torno d'essa barreira, des-cida atravez dos seculos, como a ponte levadiça da meia idade, interceptando as communicações do passado com o presente e occultando-o ás projecções luminosas do futuro, accumulando centenas de más vontades, de desdens idiotas, de despeitos pueris, de animadversões verdadeiramente singulares. (O periodo acaba aqui. Como veem, não tem verbo, não tem sujeito e não tem complemento objectivo. É um periodo de logar onde, apenas, mas mesmo assim bom periodo).*

Poderosissimo Deus, senhor dos exercitos! Valei-nos com o entendimento preciso para virmos a comprehender o que é que vem a ser a *reconstrução da vida retrospectiva*! Se *retrospectivo* quer dizer, como os lexicons affirmam, *que olha para traz*, a reconstrução d'essa especie de vida vem a basear-se na hypothese arrojada de um ôlho novo, no qual se nos não figura que jámais fixassem sua attenção nem os historiadores nem os oculistas.

*Itinerarios obsoletos e depoimentos posthumos* tambem não consta o que seja em lingua de christãos.

Mas o que mais aterra as imaginações n'esta peça litteraria, é a *barreira* que Gabriel nos descreve *descendo atravez dos seculos, como a ponte levadiça da meia idade, interceptando as communicações*. Uma ponte que intercepta communicações e uma barreira que desce para baixo, exactamente como as pontes de levantar para cima na meia idade, é ponte e barreira que ninguem conhece n'este mundo, porque as pontes que interceptam deixam de ser pontes, e as barreiras que descem deixam de ser barreiras.

Tal é, segundo Gabriel, a missão da historia. Horro-rosa coisa!

Em quanto aos historiadores, diz o mesmo Gabriel que elles são os *mineiros das crystas do preterito*.

Vejam o caminho que vae levando este critico! Elle já diz que os preteritos teem crista; deixem-o bracejar um pouco mais e ainda elle nos ha de dizer que os futuros põem ovos.

Concluindo os louvores de Benevides, affirma Gabriel que o livro das *Rainhas de Portugal* tem muito mais importancia para o cerebro do que o *Antonio Maria*. A caricatura, segundo Gabriel, é uma coisa mais propriamente para o figado.

Se Gabriel escrevesse todas estas cousas sob a responsabilidade moral e intellectual do seu nome, nós inclinar-nos-hiamos silenciosos. O que não admittimos sem protesto é que Gabriel continue a eximir-se a essa responsabilidade, refugiando-se atravez de um pseudonymo feminino e continuando a assignar-se *Guimar Torrezão*.

Um nome inviolavel de senhora não pôde continuar assim á mercê de chalaças tão pesadas como as do cabo de esquadra Gabriel.

Cumpra pois que, para desaggravo do sexo meigo e gentil, Gabriel se cohiba de tão reprehensivel abuso, e que, de uma vez para sempre, e para todos os effeitos, elle se compenetre de que é macho. Basta de se fazer dama! Barbeie-se, e deixe os nomes das senhoras em paz!



## Carta a Bordallo Pinheiro

Illustre, senhor Bordallo,  
Recebi com grande abalo  
Dentro em minha alma singella,  
(Que jámais chorou em prosa)  
A noticia desastrosa  
De ter quebrado a canella.

Inda assim — aqui lhe digo  
Que, se chorei como amigo  
O seu maldito fracasso,  
Nos hymnos devotos meus  
Fui dando graças a Deus  
Por não ter partido o braço.

Porque se um braço partisse,  
Que por bom tempo o impedisse  
Da propaganda moderna,  
Esta acharia um tropeço...  
E vinha a ser o progresso  
Quem tinha quebrado a perna.

Não movo estas pernas podres  
Para ir de Fornos d'Algodres  
Dar-lhe de mão um aperto...  
Porque sou de opinião  
Que nunca apertos de mão  
A pernas deram concerto.

Firme n'esta minha idéa,  
Não me assigno; porém creia  
Que me tem ao seu dispôr,  
Pois, sem mais tir-te nem guar-te,  
Sou aqui e em toda a parte  
Creado e venerador.

## O caso da semana

O que parece impossivel é que ainda haja empresas que licitem na adjudicação do theatro de S. Carlos!

Um theatro onde é preciso apresentar:

Os primeiros cantores da Europa; os Justinos Soares mais elegantes do mundo; e as coristas mais bonitas do Universo!

E onde se recebe em troca:

Descomposturas, calotes e assobios!

E se fosse só isso...

Mas não é: as exigencias do publico não se limitam á sala dos espectaculos; abrangem tudo, desde o alpendre do theatro até o ultimo panno de fundo!

Querem porteiros de casaca, querem fauteuils de veludo, querem cerveja da pipa, querem capachos do Cairo, querem espelhos de Veneza, querem pastelinhos de Santa Clara... querem o diabo!

Pois de tudo lhes deu a empresa é muito mais:

Bengaleiros de luva gris-perle, moços de botequim de bigode e suissas, engraxador com o curso completo, florista do bairro alto... de tudo, enfim!

Mas a vontade do publico é insaciavel; depois de devorar em meia duzia de noites, todos aquelles opiparos manjares, começou a resmungar que faltava o que quer que fosse no menu.

— O senhores! bradava o Brito, contorcendo-se de desespero, pois não teem o Gayarre? pois não teem a Pasqua? pois não teem a de Reszke? pois não teem a corista gorda?... Que mais querem por sete tostões?

— Ora essa! tornava o publico, *que mais queremos?! mas por sete tostões podiamos nós ir vêr as Intrigas no Rato, do Luiz de Araujo... Que mais queremos?! queremos um intertenimento para os intervallos, como ha no Coliseo, como ha nos toiros, como ha nas ratas sabias, como ha em todos os espectaculos civilisados! Queremos um passa-tempo qualquer, que nos atteneue a sensaboria d'aquelles dez minutos; ora ahi está o que nós queremos.*

Desde esse momento a empresa não cessou de roer as unhas, cogitando no expediente que devia adoptar para satisfazer mais esse excentrico appetite do publico.

Não houve idéa que não lhe occorresse.

Lembrou-se de uma exposição de bellas artes no salão e nos corredores; pensou na banda dos ex-alunos; atravessou-lhe o espirito o estabelecimento de jogos flo-raes, e chegou a fazer propostas vantajosas a uma companhia de fantoches.

## Parabens a Carnaxide

Carnaxide andava triste,  
Suspeitando magua eterna,  
Depois que se pôz na perna  
A Senhora Aparecida:  
— Os campos não davam grêlos,  
Faltava a palha ao jumento;  
E até moinhos de vento  
Tinham parado na lida!

Pediram carnaxidenses  
Auxilio a santos subidos,  
Que fizeram aos pedidos  
Ouvidos de mercador;  
E' vae d'ahi ao depois,  
Por um conselho sagaz,  
Ante o altar de S. Thomaz  
Ajoelharam com fervor.

«Pois eu farei o milagre,»  
Disse o bom do S. Thomaz:  
— Se o disse, melhor o faz,  
Ó povo de Carnaxide!...  
Parabens! Lá diz o outro:  
— Sempre alcança quem espera:  
Pendurae kilos de cera  
Dos milagres no cabide.

E visto estar S. Thomaz  
Na maré das obras boas,  
Pedí-lhe tambem as loas  
Para a chegada do cirio;  
E o santo — que a fazer versos  
É dos primeiros artistas,  
Botará novas conquistas...  
Mas d'esta feita mais giro.

Mas tudo lhe parecia pouco.

Finalmente, uma manhã em que o sr. Brito se achava no banho, exactamente como Archimedes, com as ideias frescas, bateu violentamente na testa n'aquelle gesto de quem encontra uma ideia renitente, e saltou para fóra d'agua ligeiro como um pintasilgo.

Felizmente e em proveito da moralidade e da plastica nacional não saiu para o meu da rua gritando *eureka!*

Pelo contrario; callou-se muito bem calladinho, arranjou as suas coisas e á noite apresentou-se no theatro alegre e prazenteiro como ninguem o via ha bons dez annos.

O publico esperto, ao vel-o tão sorridente, pensou logo do caso:

— Aqui anda marosca! O Brito de riso nos labios, como o D. Nicomedes... Querem ver que o maroto já remediou a questão dos intervallos? O diabo é elle!

Seguiu-se uma anciedade cruel.

Subiu o panno para o primeiro acto e ninguem ouviu sequer uma nota; tudo pensava na surpresa do intervallo.

Finalmente desceu o panno e o publico saiu da sala de roldão, enchendo os corredores; mas o intervallo passou na semsaboria do costume...

Deu-se o segundo acto e todos saíram desanimados, para fumar o seu cigarro e tomar o seu capilé, visto que não havia melhor passatempo...

De repente *zz! tzz! bzz! tzzz!*

— O que é?!

— O que foi?!

— Que aconteceu?!

E tudo acudiu aos magotes.

No corredor cortava o ar em caprichosos zig-zags um chicote de pita brandido por mão nervosa e que ia arrancar estalidos pyrotechnicos das bochechas d'um *gentleman* de casaca que se achava encostado á parede.

Subitamente, a mão que empunhava o chicote desappareceu como os genios das magicas, com a passagem de um raio de busca-pés e duas pancadas de tam-tam n'uma caçarola de cobre, e o publico que de começo tomára tudo a serio desatou á gargalhada, rebolando-se n'um frouxo de riso pelo mosaico do corredor, quando reconheceu que o *gentleman* que ficára era simplesmente... um boneco de palha!...

Fôra a empresa que distrahiria o publico com umas yemeniscencias do José Serrate...

Bravo, seu Brito!

PAN.



## O CEU, DESCRIPTO DO BISPO DE ANGRA

O Antonio Maria, querendo prestar homenagem á proficiencia com que o bispo de Angra, descreve o ceu, resolveu conscienciosamente aquelle sublimado escripto e honrar as paginas d'este jornal com a collaboração d'aquelle prelado.



«N'esta conformidade, pois, imaginae um vastissimo imperio, muito maior em extensão que milhares do nosso Mundo reunidos...

N. B. Andára mundos e mundos  
Andára mundos sem fim  
Saltara fóra dos mundos  
Se te visse atraz de mim.



«E' ahí sempre primavera continua, a par de um outomno fertilissimo, porque as arvores, posto não tenham cultura alguma, estão sempre ornadas de festões de flores odoríferas e os seus flexiveis ramos, carregados com saborosos fructos, se curvam espontaneamente a quem d'elles se quer utilizar.

N. B. N'este ponto o ceu parece das magicas Pera da Satana, ou Romá encantada em que á voz do principe ou da fada as mesas carregadas de iguarias surgiam da terra e as arvores se carregavam de repente de fructos maduros.

No ceu do bispo de Angra parece que as peras já nascem mettidas em assucar e os tomates feitos em calda para tempero da panella.



«As fontes, os regatos e rios lhes prestam todas as bebidas mais deliciosas, que possam appetecer, pois que a par de crystalinas aguas, manam também leite, mel, generosos vinhos e os mais exquisitos e deliciosos licores que desejar se possam.

N. B. Emfim, já é uma consolação para os que gostam da sua mão de verniz, saber que nem por isso se lhe fecham as portas do céu e que lá mesmo podem decilitrar e do mais fino. Devia custar muito a uma pessoa, acostumada 50 e 60 annos a matar o bicho fôdas as manhãs, e ajudar depois as digestões, vêr-se obrigada a beber agua fria por toda a eternidade. Ao menos este céu do bispo de Angra tem ramos de louro á porta e taboleta de vinho, aguardente e bebidas espirituosas.



ESTA  
TERRA É  
O  
CEU

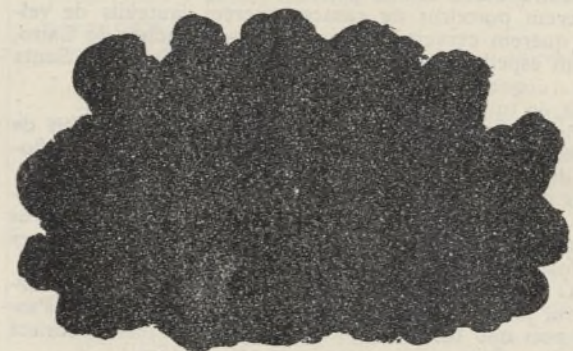
... n'essa terra abençoada não se sabe o que é calor, o que é frio, o que são ventanias, chuva, neve ou granizo.

N. B. Anda tudo de fato de meia estação.



«Da mesma sorte as aves e os animaes brutos, longe de fugirem assustados do homem, d'elle se acercam, como tendo intelligencia e se apressam todos á porfia em apresentar-lhe seus obsequiosos serviços, misturados com caricias e affectuosas demonstrações de respeito e dedicação.

N. B. Os cães e macacos sabios e as pulgas industriosas dão uma perfeita idéa do que deve ser o ceu n'este ponto do escripto do matutativo prelado.



«No céu não se usam luzes, porque longe de esclarecerem, offuscariam aquella feliz, mansão de claridade. Em lugar de brandões levava cada um dos bemaventurados em salvas de diamantes os emblemas do seu triumpho.

N. B. Não se parece o céu do bispo de Angra com a cidade de Lisboa, e a culpa é da companhia do gaz.



«toda ella não se encontra um monte escavado, uma caduca, uma fonte secca, um precipicio perigoso animal selvagem, um quadrupede feroz.

As quadrupedes que se encontram não são ferozes, gatos, cães e outras almas domesticadas que por ceu.



«N'elz imperio ninguem trabalha, porque o trabalho castigo imposto aos filhos de Adão, e no ceu não vigos.

N. B. que o trabalho castiga o corpo não tem duvida, mas ao menos o céu, para uma pessoa poder passar os dias de papo para o ar, a fumar o seu cigarro.



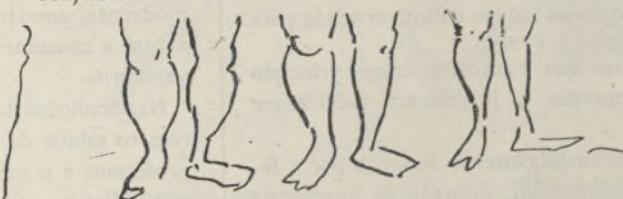
«No céu sabem musica, todos teem bom ouvido, por isso todos cantam em maravilhosa harmonia, que seja necessario o bater o compasso.

N. B. Este do céu do bispo é que é exactamente a plateia de S. Carlos, sem necessidade d'este sr. dr. para bater o compasso.



«Todo elle é um vastissimo jardim, ordenado com tal arte que, enchendo-nos por toda a parte de commodidades, satisfação e gosos ineffaveis é tão variado, que em toda a sua incalculavel extensão não é possível encontrar-se um lanço, uma rua, uma fonte, uma estatua, um assento, um obelisco, uma cascata, uma casa, uma arvore, uma flor, um regato, um animal, uma ave que não seja differente.

N. B. Que grande pagode! Não havendo pares n'este ceu, todos são nunes.



«A candida veste da graça orna com tal riqueza e elegancia os bemaventurados, á semelhança dos lyrios do campo e das mais vistosas aves, que nada ha n'este mundo que possa comparar-se-lhe.

N. B. A veste da graça é que, perdoe-nos o venerando prelado, não é verdade nenhuma. Os alfaiates cá da terra podem dizer-lhe se não ha por cá muita gente que se vista de graça. O proprio Amor da Patria, que se admira no largo do Pelourinho, não havia de gastar muito dinheiro com o fato que o recata.



«Os santos anjos voando por cima do prestito, tinham-se encarregado da parte do acompanhamento instrumental.

N. B. Exactamente a orchestra de S. Carlos. E a critica a fallar. Ah! ingratos, que parece que não tem ouvidos. Convençam-se que aquella musica é o céu do bispo de Angra.



E este nosso illustre e reverendissimo collaborador depois de nos ter dado uma idéa tão perfeita do céu, excommunga o sr. Augusto Ribeiro.

O Costa... apita.

DESENHOS INGENUOS-MUITO MENOS INGENUOS QUE O ESCRIPTO DO BISPO



### A inquisição de Coimbra

Dois estudantes de Coimbra faltaram á devoção e ao respeito devido aos dois lentes invioláveis, discutindo n'um jornal a sciencia d'elles, e pondo em relevo as suas calinadas e bernardices. Foi um desacato medonho!

O dr. Assis Teixeira de Magalhães e o dr. Laranjo foram escarpellados por dois impios que não respeitaram o dogma da sabedoria de dois lentes. Isto brada aos ceus!

Nem o nefando attentado do convento de Odivellas, nem o monstruoso crime de Santa Engracia, nem outros desacatos contra a divindade, commettidos desde os tempos mais barbaros marcaram maior colera e rigor dos juizes contra os criminosos que os praticaram.

As feras os iconoclastas! á fogueira os assassinaes da sciencia bolorenta de Assis e Laranjo! bradava o conselho dos sabios ao julgar o nefando crime. Que sejam expulsos da universidade para todo o sempre, que nunca mais transponham os humbraes da porta ferrea os pagãos que ousaram morder com dentes ferinos na sciencia de conserva, no saber de escabeche d'aquelles dois venerandos fosseis. Assim o decidiram os sabios para honra d'elles e para gloria da universidade de Coimbra!

Em que leis se fundaram os sabios da universidade para expulsarem dois estudantes?

Foi na lei de imprensa que estabelece como principio para os delictos de imprensa o julgamento publico em tribunal ordinario?

Não, de certo, porque o julgamento fez-se á porta fechada, n'um tribunal inquisitorial, formado de juizes que eram partes ao mesmo tempo. Fundaram-se n'um regulamento de policia academica, torcendo-o a seu sabor, descobrindo nos *et cetera* finaes de varios delictos enumerados, o desacato pela imprensa á sabedoria dos lentes, que ao fabricante do regulamento esquecera mencionar!

Houve um povo da antiguidade que não teve penalidade para o parricidio porque o legislador não queria suppôr que se praticasse tal crime; o fazedor do regulamento universitario pensou do mesmo modo a respeito da discussão da sciencia dos Laranjos e Assizes do seu tempo e dos seculos futuros. Mas o conselho dos sabios emendou a mão, e onde não achou penalidade inventou-a apesar de não ser capaz de inventar a polvora.

Que livros de valor notorio tem produzido o corpo cathedratico de Coimbra? Que descobrimentos lhe deve a sciencia? Que citação dos sabios estrangeiros merecem os doutores do corpo docente da nossa universidade, com excepção de um ou dois? Que auctoridade tem perante as grandes universidades do mundo civilisado, para não permittirem que seja discutida a sua sciencia empalhada ha seculos, coberta de pó e estacionaria como uma pelle de animal conservada em museu?

Nada tem feito, nada lhes deve a sciencia, ninguém os conhece fóra do predio em que moram, e apesar d'isso arvoram-se n'um poder superior a todos como supremas escarnações do valor humano, e contra o espirito das leis modernas, condemnám ás feras dois homens que se atreveram a censurar a rotina e as necedades do ensino universitario.

Nas tradições da antiga inquisição de Coimbra encontraram os sabios da universidade a inspiração das ideias que professam e o modelo da nova inquisição que inauguraram. Fizeram-se leis, mas acima de tudo está o regulamento da universidade, como o veto do fossilismo posto ao progresso. Assis e Laranjo são dois sabios, porque a nova inquisição de Coimbra proclamou o dogma da sua infalibilidade scientifica, embora os presentes se riam d'elles e os vindouros nem ao menos se riam porque não terão noticias d'elles.

### Soneto

Um porco ha de ser porco, ainda que o rei dos bichos  
O faça cortejo pelos seus vãos caprichos.

BOCAGE.

E um Mazella será toda a vida um Mazella,  
Inda que o Padre Santo o benza co'a chinella.

AMARO DA LAGE.

O Mazella não tem culpa nenhuma  
De tudo quanto ha feito na Parvonía;  
A culpa é só de quem, sem cerimonia,  
Aonde tantas ha metheu mais unha!

Por mais que a matutar eu me consuma,  
Por mais voltas que dê á cachimonia,  
Deixar não posso de julgar erronea  
A idéa de o morder que, vil, se apruma.

O que esperavas, gente tagarella?...  
Que curasse as mazellas das beatas  
Quem até no appellido tem mazella?!

Querias, meus leitores pataratas,  
Curar a mordedura da cadella  
Com o pello da mesma?! Ora... batatas.

### Assoa-te a este guardanapo!

A BORDALLO PINHEIRO

Disse-me um dos que de França  
Abalaram co'os tarecos,  
Que o teres partido a gambia  
Foi premio dos teus bonecos.

Não contente Santo Ignacio  
De te arranjar a querella,  
Inventou um trambulhão  
E escangalhou-te a canella.

Não conseguiu o santinho  
Metter-te no Limoeiro...  
Porém mettu-te na cama  
Amarrado ao travesseiro.

E verás, amigo, por  
Quanto de dizer acabo,  
Que os santos nas suas birras  
São levados do diabo!

Mas tens um remedio prompto:  
É rezar a São Masella,  
Pedindo que te livre  
D'essa que tens na canella:

Oração. — Juro constricto,  
Meu santissimo masmarro,  
Respeitar os jesuitas...  
Té mesmo os feitos de barro.



**A nossa querella**  
UMA REVELAÇÃO



O delegado no nosso processo é o Bazorrinho maior.

Ah Bazorrinho perfido!  
Queres-me condemnar!  
Queres-me enforcar!

Ah! Bazorrinho, Bazorrinho, como é tardio o teu sentimento!!!  
— A vingança é o prazer dos Deuses e dos Bazorrinhos!



Em sonhos de perna estendida *apparelhada*, não vejo senão Bazorrinhos a fazerem-me cousas e... querellas.

— Elles entram-me nos ouvidos

apanho-os nos sovacos

mettem-se-me por baixo para não me deixar fazer o osso, minha occupação quotidiana.



Por ultimo mettem-se na perna e são capazes de atirar com o *apparelho* ao ar,

Ah Bazorrinho—misericórdia Bazorrinho!  
Espera pelo processo, Bazorrinho, para seres cruel, por ora deixa-me com a perna.

— Não tenho tão maus fingidos como tu,

— enquanto fores o meu tyranno hei-de ter-te debaixo da unha.

Porque cada um mette a unha que tem.



## THEATRO DE D. MARIA II

## PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DO «OTHELO».

Um esplendor de scenario, guarda-roupa, desempenho e traducção.  
Bravo! Bravo! Bravo!!!



Para vêr esta peça fiz uma travessia senão mais difficil, muito mais perigosa que a do sr. Braza conquistando o Congo.